

NATURALISMO E ESQUECIMENTO: RECEPÇÃO CRÍTICA DA REEDIÇÃO DO ROMANCE MANA SILVÉRIA, EM 1961, DE PEDRO DE CASTRO DE CANTO E MELO

Joanna Silveira Corrêa

(Licencianda em Letras - UERJ/FFP)

RESUMO O artigo apresenta resultados parciais da pesquisa sobre o escritor naturalista brasileiro Pedro de Castro de Canto e Melo (1866-1934), que atuou no meio literário paulistano do final do século XIX até o início do século XX, mas foi esquecido. Os resultados aqui apresentados, coletados *online* na Hemeroteca Digital Brasileira (FBN), dizem respeito à recepção crítica da reedição do segundo romance do escritor, *Mana Silvéria* (1913), em 1961, quando houve um esforço de resgate de sua obra e memória. O trabalho especula sobre as razões do olvido e propõe haver um viés antinaturalista na historiografia tradicional do naturalismo que se consolida a partir de 1950 na crítica de Lucia Miguel Pereira, e que vem impedindo, desde então, um autêntico resgate e apreciação da ficção naturalista escrita no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE Pedro de Canto e Melo; naturalismo; história do livro e da edição

O artigo apresenta um recorte da pesquisa “Pedro de Castro de Canto e Melo, pequeno naturalista (1866-1934)”, que vem sendo desenvolvida desde 2019 no Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com apoio da FAPERJ, na modalidade de Bolsa de Iniciação Científica. Devido à escassez de bibliografia sobre o autor e sua obra, a pesquisa se apoia primordialmente em notas, notícias, resenhas e crônicas de periódicos consultados *online* na Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação da Biblioteca Nacional.

Pedro de Castro de Canto e Melo nasceu em Jaguarão, no Rio Grande do Sul, a 1 de janeiro de 1866, e faleceu em São Paulo no dia 1 de novembro de 1934. Fez a formação escolar na capital paulista, onde seguiu a carreira artística. Descendente de uma família de militares ilustres, optou, entretanto, pelo Direito, ao mesmo tempo em que atuou em vários periódicos paulistas. Além da produção jornalística, Canto e Melo publicou 5 obras: os romances naturalistas *Almas em Delírio* (1912) e *Mana Silvéria* (1913); os autobiográficos *Relíquias da Memória* (1920) e *Recordações* (1923); e o poemeto *Bucólica* (1914).

Canto e Mello pertence ao grupo de escritores brasileiros chamados por Lucia Miguel Pereira de “naturalistas retardatários” (1973, p. 139), que publicaram prosa naturalista no começo do século XX, quando o movimento já

estava supostamente esgotado. A mancha de “atrasado” é uma das razões de esquecimento e falta de estudos sobre ele. Em *O naturalismo no Brasil*, Nelson Werneck Sodré reproduz o diagnóstico de retardamento, enquanto *A história concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi, nem o cita. Mesmo no importante estudo recente de Rodrigo Mingotti (2021, p. 119), Canto e Melo é associado ao declínio artístico e sua obra marca “o fim do naturalismo no Brasil”.

Os resultados aqui apresentados dizem respeito à recepção da reedição do segundo romance do escritor, *Mana Silvéria*, em 1961, pela Editora Civilização Brasileira, quase 50 anos depois da publicação original. Trata-se da única obra do autor a merecer uma segunda edição. Na opinião de Lucia Miguel Pereira, esse seria o melhor romance do escritor, “merecedor de melhor êxito” (p. 140). Quando saiu, foi considerado escandaloso e pornográfico, repetindo a sina de romances naturalistas oitocentistas, o que seria outra razão de esquecimento (MENDES, 2019). Exemplares da edição de 1961 são fáceis de encontrar nos sebos e livrarias, tornando *Mana Silvéria* o romance mais importante de Canto e Melo e porta natural de entrada num estudo da sua obra.

O romance se passa no século XIX. Inicialmente tem como eixo a relação “sacrílega” entre o padre Isidoro Valongo e a cantadeira Joaninha, em Portugal. Depois passa para a história de seus filhos, Júlio e Belmiro, que migram para o Brasil, e finalmente dos netos Joaninha, Mana Silvéria (irmãs) e Isidorinho. Primo-irmão das duas, o rapaz se casa com a primeira, mas mantém um romance secreto com a segunda. A história termina de forma trágica e violenta. Descobrimo-se grávida, Mana Silvéria mata Isidorinho e se suicida em seguida. O enredo é apresentado por um narrador onisciente neutro que demonstra a força da hereditariedade – tese cara ao naturalismo – e assim justifica os castigos pelas transgressões dos personagens (o padre não-celibatário), com suas posteriores mortes trágicas, como ilustra o trecho abaixo:

A sensualidade do padre e da rameira, que ressuscitara a mais vigorosa e mais louca no sangue transmitido aos netos, impelindo-os do delírio do amor ao delírio da morte, trouxera, inconscientemente, com o vírus do seu veneno, o germe da flor da liberdade, que ia desabrochar ali (CANTO E MELO, 1961 p. 175).

A primeira notícia sobre a reedição do romance apareceu em 1960, quando o editor Ênio Silveira, da Civilização Brasileira, informou que *Mana Silvéria* estava incluso entre alguns livros esquecidos, nacionais e estrangeiros, que iriam ser republicados em breve pela editora (MEIRA, 1960, p. 6). Possivelmente apoiado na opinião de Lucia Miguel Pereira de que *Mana Silvéria* era merecedor de nova leitura, o editor ia além, afirmando que Canto e Melo não ficava “a dever ao melhor Aluísio Azevedo”. No ano seguinte, Silveira anunciou o lançamento de 61 títulos, incluindo *Mana Silvéria*, como o volume 30, que faziam parte da coleção “Vera Cruz”, da editora Civilização Brasileira (MEIRA, 1961, p. 12; COUTINHO, 1961, p. 8).

O aparecimento da reedição do romance foi noticiado em periódicos do Rio de Janeiro e outros estados até 1963. *Mana Silvéria* foi geralmente descrito como um velho romance naturalista esquecido e enterrado desde 1913.

No *Diário de Notícias*, a coluna “Encontro Matinal” louvou a iniciativa da Civilização Brasileira, cuja reedição de *Mana Silvéria* era um ato absoluto de justiça (ENEIDA, 1961, p. 12). Na coluna “Jornal Literário” de *O Jornal*, Valdemir Cavalcanti faz elogios ao romance. Apesar de sua “composição a Zola” (p. 10), não afetou a verdade da obra, que era um documento literário vivo, narrado com colorido intenso, e que não perdeu a força com o passar do tempo (CAVALCANTI, 1961, p. 10).

Após o aparecimento da nova edição, Edilberto Coutinho confessou pelo *Correio da Manhã* que nunca lera Canto e Melo, e que se surpreendera com a qualidade de *Mana Silvéria*. Nota a importância da figura do padre e das “núpcias sacrílegas” no romance naturalista, como n’ *O crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós. Na opinião do crítico, mesmo sendo marcado por um tom melodramático e pelos exageros do realismo, o romance não perdera o vigor e podia ajudar a resgatar Canto Melo do esquecimento (COUTINHO, 1961, p. 9).

Numa coluna no *Correio da Manhã*, Arnaud Pierre destacou *Mana Silvéria* como um dos livros exumados por Ênio Silveira após injusto esquecimento (PIERRE, 1961, p. 9). Quando apareceu, o romance “sofreu as consequências da repulsa dos modernistas” (p. 9), por considerá-lo ultrapassado na trama determinista e carnal e no olhar científico. Tendo como cenário uma fazenda de

café no Vale do Paraíba (RJ) e uma heroína com personalidade desafiadora, *Mana Silvéria* podia ser posicionado na linhagem de romances naturalistas como *Dona Guidinha do Poço*, de Manuel de Oliveira Paiva, e *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio.

Pelo *Jornal do Commercio*, Santos Moraes destacou a reedição de *Mana Silvéria* como um livro naturalista influenciado por Zola e Eça de Queiroz, confirmando o vínculo com o naturalismo. O crítico lembrou a recepção negativa que o livro obteve em 1913, informando que escandalizou o "público literário com uma história onde o sexo predomina" (MORAES, 1961, p. 6).

Na coluna "O Fato Literário" do jornal *Correio da Manhã*, Michel Simon registra a reedição de *Mana Silvéria* e classifica o romance como "pós-naturalista" (SIMON, 1961, p. 9), uma variação de "naturalismo retardatário". A coluna lembra o livro *Horas de leituras*, de Brito Broca, que estuda a figura de padres reféns do celibato, como n' *As Minas de Prata*, de José de Alencar, no *Padre Belchior de Pontes*, de Júlio Ribeiro, entre outros. Para o colunista, pela ausência do padre de Canto e Melo no seu estudo, Broca provavelmente não conhecia *Mana Silvéria*, confirmando o esquecimento do autor.

A reedição de *Mana Silvéria* também foi noticiada na coluna "Sabatina Literária" do *Diário da Noite*. A ilustração da capa foi criada por Eugênio Hirsch (figura 1) (PIRES, 1962, p. 6). O articulista Herculano Pires lembra as palavras proferidas por Ênio Silveira, classificando a reedição como uma justiça feita a Canto e Melo, visto que se tornara um vulto menor na literatura realista brasileira, pois não conseguiu (ou não quis) uma propagação maior de sua arte. Pires classifica a obra como uma evocação do Brasil no período do fim do segundo império.

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO



Fig. 1: Capa da reedição de *Mana Silvéria* de 1961, da editora Civilização Brasileira, desenvolvida por Eugênio Hirsch. A mulher com os cabelos soltos ao vento simbolizava a personalidade livre e desafiadora da personagem principal, *Mana Silvéria*.

No jornal *A luta democrática*, Félix Aires descreve *Mana Silvéria* como um romance forte, escrito com ardor e com enredo satisfatório, semelhante a outras obras naturalistas brasileiras, inspiradas em Zola e Eça de Queiroz, como *A renegada*, de Carlos D. Fernandes; *O bêbado*, de Farias Neves Sobrinho; *Miss Kate*, de Araripe Júnior; *A carne*, de Júlio Ribeiro; *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha; e *Exaltação*, de Albertina Berta (AIRES, 1962, p. 7). A filiação ao naturalismo é vista como um defeito. O crítico menciona que só conhecia Canto e Melo e o romance *Alma em Delírio* por uma breve menção no pé de página de outro livro, comprovando como o escritor foi esquecido.

Na coluna “Novidades na Estante”, no *Diário do Paraná*, de Curitiba, *Mana Silvéria* aparece como leitura fascinante da primeira à última página. Apesar de alguns “vícios da escola realista”, a obra revelava a coragem de Canto e Melo de afrontar a hipocrisia da época com uma história onde o sexo desempenhava papel fundamental (NOVIDADES..., 1962, p. 9). Reconhece a influência de Zola e Eça de Queirós, mas garante que o romance era capaz de evocar com autenticidade o ambiente rural brasileiro do fim do segundo império.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura das resenhas da reedição de *Mana Silvéria* mostra que, em 1961, houve um esforço, liderado pelo editor Ênio Silveira, da editora Civilização Brasileira, de resgatar Pedro de Canto e Melo do esquecimento e reavivar o interesse por sua obra. Críticos de jornal reconheceram as influências de Zola e Eça de Queirós e associaram *Mana Silvéria* a outros romances naturalistas conhecidos, como *O crime do Padre Amaro* (o “padre sem fé”) e *Luzia-Homem* (a mulher desafiadora). Apesar do esforço de publicidade, *Mana Silvéria* e Canto e Melo continuaram (continuam) esquecidos. Chama a atenção a quantidade de articulistas que confessam nunca terem lido ou mesmo ouvido falar do escritor.

Uma explicação para o fracasso da empreitada é a repetição, entre os articulistas, do enquadre negativo do naturalismo que aparece no livro seminal de Lucia Miguel Pereira, publicado em 1950. O debate de 1960 (e mesmo a historiografia posterior do naturalismo) se apoia fortemente em Pereira e na sua condenação dos métodos e temas naturalistas, na sua predileção pelos românticos e modernistas (MENDES, 2014). Como ela, alguns articulistas explicam o esquecimento de Canto e Melo pelo atraso com que chegou ao naturalismo. Como ela, reconhecem a capacidade mimética do naturalismo de representar fielmente o passado histórico, mas condenam os “vícios da escola realista”, com destaque para a obscenidade e o determinismo biológico.

O próprio editor Ênio Silveira, que compara Canto e Melo a Aluísio Azevedo, diz na orelha da edição de 1961 que *Mana Silvéria* tem “todos os vícios estilísticos da época em que foi escrito”, mas “a descrição de ambientes e costumes” justificava sua reedição e redescoberta. O romance era bom, mas nem tanto, o que certamente desapolgou futuros leitores e críticos.

REFERÊNCIAS

AIRES, Félix. Retorno de Canto e Melo. *A Luta Democrática: Um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar*. Rio de Janeiro, 19 fev. 1962.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1980.

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

CANTO E MELO, Pedro Castro de. *Mana Silvéria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

CAVALCANTI, Valdemir. *Jornal Literário*. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 19 set. 1961.
CONDÊ, José. *Escritores e Livros*. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 31 dez. 1961.

COUTINHO, Edilberto. *Fatos, temas e ideias: ano editorial de 61 será mais intenso*. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 28 jan. 1961.

COUTINHO, Edilberto. *Livros da Semana*. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 26 ago. 1961.

ENEIDA. *Encontro Matinal*. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 ago. 1961.

MEIRA, Mauritonio. *Vida Literária*. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 7 set. 1960.

_____. *Vida Literária*. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 20 jan. 1961.

MARTINS, Wilson. *Estilo e Assunto – 1. Suplemento Literário*. São Paulo, 11 nov. 1961.

MENDES, Leonardo. *O aborto, de Figueiredo Pimentel: naturalismo, pedagogia e pornografia no final do século XIX*. In: MENDES, Leonardo; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. *Figueiredo Pimentel, um polígrafo na Belle Époque*. São Paulo: Alameda, 2019.

MENDES, Leonardo. *Júlio Ribeiro, o naturalismo e a dessacralização da literatura*. *Pensares em Revista*, n. 4, p. 26-42, jan.-jun. 2014.

MINGOTTI, Rodrigo Donizete. *Heranças do romance naturalista: alcoolismo e distúrbios psicológicos em Alma em delírio, de Canto e Mello*. Dissertação (Mestrado em Letras), UNESP, São José do Rio Preto, 2021.

MORAES, Santos. *Antropologia Cultural*. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 24 ago. 1961.

MORAES, Santos. *Gazetilha Literária*. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 13 set, 1961.

NOVIDADES NA ESTANTE. *Diário do Paraná: Orgão dos Diários Associados*. Curitiba, 16 mai. 1962.

PEREIRA, Lucia Miguel. *Prosa de ficção: história de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1973.

da GAVETA

Revista de graduação em Letras UNIRIO

PIERRE, Arnaud. Um livro e um autor exumados: “Mana Silvéria”, de Canto e Melo. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 16 set. 1961.

PIRES, Herculano. Sabatina Literária. *Diário da Noite*. São Paulo, 10 fev. 1962.

SIMON, Michel. O Fato Literário. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 set. 1961.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O naturalismo no Brasil*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.